

# REPRESENTAÇÕES MASCULINAS E FEMININAS NO GÊNERO PIADA

Elias Coelho da Silva (UFPB)  
[coelho.8@hotmail.com](mailto:coelho.8@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

O humor é coisa séria. Essa afirmação até parece um paradoxo sem sentido. Dizemos, parece, pois como imaginar que algo que está presente em quase – se não toda – área de atividade humana não seria coisa séria? Não é difícil nos depararmos em muitos momentos de nossos dias com gestos humorísticos: ele está presente no ambiente de trabalho, com as expressões de duplo sentido daquele colega “atrevido”; nas propagandas da televisão; nos programas de rádio; na internet; nos livros, enfim, o humor nos aborda todo dia com a sua irreverência. Mas é apenas uma brincadeira, diria o desavisado. Será mesmo?

Para quem acredita que o humor é apenas uma brincadeira, talvez se espante com a afirmação de Travaglia (1990, p. 15) quando ele diz que o humor sempre ataca algo da estrutura social. É provável que a palavra “ataca” pareça muito pesada para se referir a algo tão leve como o humor. Mas o linguista alerta que por trás dos gêneros humorísticos existe sempre uma tensão social, pois um dos objetivos do humor é revelar as verdades insuspeitadas, é nos mostrar a fragilidade social de uma época e nos possibilitar a percepção de uma outra ordem da vida cotidiana. O humor pode ser muito mais “agressivo” que divertido.

Entendendo o humor como coisa séria, fomos buscar compreender como os sexos masculinos e femininos são representados no gênero humorístico piada. Acreditamos que esse gênero discursivo possa nos oferecer muito mais que boas gargalhadas, pois é comum encontrarmos nele discursos que versam sobre homens e mulheres. No entanto, diferente da maioria dos gêneros que encontramos em nosso dia-a-dia, a piada não tem autoria, ela se apresenta como uma voz sem dono, sem fonte. Então, quem são essas vozes? O que dizem sobre o homem e a mulher? Essas são algumas das perguntas que tentaremos responder ao longo deste trabalho. Mas a principal indagação é a de saber **como homens e mulheres são representados nas piadas**. Com certeza essa indagação nos leva também a querer responder **o porquê de eles serem representados como são nesse gênero**.

Nossas hipóteses são as de que:

- O homem e a mulher são representados de forma estereotipada nas piadas;
- Estes estereótipos são criações de identidade que constituem simulacros não aceitos pelo grupo que é representado;
- As identidades são ideologicamente construídas pelo Outro, pelo grupo oposto;
- Tais identidades ideologicamente construídas de forma estereotipadas representam tensões construídas ao longo da história entre os dois sexos.

Para respondermos essas indagações e buscar a confirmação de nossas hipóteses tivemos que aceitar que as representações sociais são construídas discursivamente e que todo discurso materializa-se por meio de um gênero discursivo.

No entanto, não é possível separar o gênero de seu campo discursivo, e como entendemos que o gênero piada tem como campo discursivo o humor, trataremos primeiro de entender o campo do humor.

Entendendo o campo, passaremos a abordar o gênero piada em si, procurando entender como ela funciona enquanto gênero discursivo do campo do humor. Daí ser possível compreender melhor o porquê das formas de representação desse gênero com relação ao homem e a mulher.

Em seguida entramos nas análises para verificar se as nossas hipóteses se confirmam e para podermos responder as nossas questões problemas já expostas acima.

É importante ressaltar nesse momento, que não pretendemos com esse trabalho esgotar o objeto de estudo, mas apenas visualizar uma das várias possibilidades de leitura que uma análise de discurso possibilita.

Metodologicamente, este trabalho é de cunho qualitativo-dedutivo e descritivo/explicativo,

pois não tem intenção de quantificar dados, mas de analisar formas de representação por meio do gênero piada, partindo de algumas hipóteses para que sejam confirmadas ou não.

Os estudos serão feitos, então, de forma explanatória, não pretendendo estipular conclusão, mas apenas algumas considerações a partir do que já se apresenta em pesquisas que foram realizadas na área e dos resultados particulares que proverem da análise aqui desenvolvida.

Para tanto, foram colhidas piadas em sites na rede mundial de computadores que possam, de alguma forma, estar representando os gêneros masculino e feminino. A escolha pelos sites tem como motivação o fato de neles as piadas serem postadas por qualquer indivíduo, geralmente anônimos, não sendo coletâneas como em almanaques e livretos. Isso é de extrema importância para este trabalho, pois, em geral, as piadas são postadas por temas, tais como: piadas de loiras, de gaúchos, de gays, corno etc.; o que faz com que entendamos que os indivíduos postam as piadas de acordo com o que eles entendem e identificam, como sendo piadas específicas de (para) um grupo.

Usamos a expressão “de alguma forma” acima, pois levaremos em consideração piadas que não façam uma referência diatópica, como piada de gaúcho, de mineiro, de baiano etc.; entendemos que essas piadas parecem representar grupos de regiões específicas, não podendo ser generalizado para “todos” os homens ou mulheres. Entendendo dessa forma, selecionamos apenas aquelas que põem em contraste figuras que possam representar o sexo masculino ou feminino em geral, como “piadas de secretária”, de “loiras”, de “sogra”, de “velho” etc. Para esclarecer melhor, podemos dizer, a título de exemplo, que as piadas de secretária põem em contraste uma secretária (mulher) e um patrão (homem).

Como base teórica, é usada a Análise de Discurso na vertente dialógica e as concepções de identidade e estereótipo, nos enquadres postulados por Possenti (2010).

Como dispositivo de análise, utilizamos a concepção de Polifonia, desenvolvida por Bakhtin (2013), com algumas adaptações para esse trabalho, e a concepção de Plano Ideológico, como descrito por Muniz (2005 *apud* Ricouer, 1995). Assim, em nossas análises, observaremos como os pontos de vista do narrador (N) e/ou personagem (P) estão presentes nas piadas de forma a construírem representações do sexo masculino e/ou feminino.

Dessa forma, levaremos em consideração o *privilégio do ponto de vista*, ou seja, a voz que é privilegiada na piada, que ora pode ser a do narrador, ora das personagens. Acreditamos ser possível observar, por meio de marcas linguísticas/discursiva, as avaliações ou pontos de vista que perpassa a narrativa de cada piada, ou seja, será possível perceber quais ideologias subjaz cada piada (se masculinas ou machistas, se femininas ou feministas) e como as representações feitas de um grupo para com o outro sustentam a ideologia subjacente à piada.

## 1. O humor enquanto campo discursivo

Para Possenti (2010, p. 71) o humor deveria ser entendido como um campo discursivo: “o traço principal de um campo, descobriu-se, é que seus membros seguem regras específicas. Ou seja, há regras que o caracterizam, que são constitutivas de um campo”.

Segundo o autor, os campos se organizam de formas diferentes. Por esse motivo, um historiador atua diferente de um biólogo que atua diferente de um literato. A formação de cada um desses também segue regras diferentes: qualquer pessoa pode ser humorista (caso tenha competência para sê-lo), mas nem todo mundo pode ser biólogo, pois esta função requer uma formação específica.

Também no interior de cada campo pode haver diferenças significativas e é por isso que um poeta não atua da mesma forma de uma romancista, no campo literário; assim como um lógico não atua da mesma forma que um historiador em filosofia, no campo filosófico.

Outro aspecto importante destacado pelo linguista diz respeito ao modo de circulação dos discursos produzidos no interior de cada campo: quem ler física, matemática, sociologia, literatura? Em que gêneros são produzidos e organizados seus discursos? Em que espaços eles circulam? Onde podem ser lidos os textos produzidos neles?; em revistas, quais?; jornais, quais?; sites, quais?

Para Possenti (2010, p. 175) é mais adequado tratar o humor como um campo discursivo até porque o humor está ganhando cada vez mais espaço e importância no mundo atual, inclusive com a profissionalização dos que o praticam. E acrescenta que, assim como na literatura, no humor são praticados diversos gêneros discursivos diferentes, tais como: a charge, a comédia, a piada, o provérbios etc.

Um traço muito importante do humor, segundo o autor, é sua luta constante para que nenhuma proibição ou forma de controle consiga atingir o que nele é produzido. Travaglia (1990, p. 15), ainda acrescenta que

em vista disso o humor tem um componente agressivo forte, sendo, *uma área de contestação desarmada a partir da qual se pode estabelecer uma relação dinâmica entre a estrutura social e suas bases*, objetivando: a) a contestação da estrutura social mostrando seus absurdos e de seus componentes; b) permitir a comunicação entre os poderosos e os que eles submetem; c) fazer com que o povo olhe pra si [...] É verdade, o humor sempre ataca algo da estrutura social, mas defende a verdade que quer revelar. (Grifo nosso)

Além do caráter de contestação, o humor é relativamente estável, ele não muda muito quando muda de espaço ou de suporte. Segundo Possenti (2010, p. 180), o novo é exatamente a compreensão que o humor circula em todos os lugares. Se bem que isso não é tão novo assim. O autor ainda acrescenta que ele continua sendo humor mesmo explorando as mesmas fantasias exploradas em outros lugares e até mesmo os mesmos estereótipos

ou se estabelece intertextualidades insuspeitadas com questões morais, históricas, políticas. Há temas que não desaparecem – na verdade, sobre eles as piadas são sempre as mesmas [...] explora um conjunto bastante diverso de “gêneros” ou de cenografias, sem deixar de ser humor e sem que os textos deixem de ser, eventualmente, piadas, apesar da diversidade de sua organização textual (POSSENTI, 2010, p. 180).

Para Travaglia (1989, p. 01) o humor vai muito além do fazer rir, ele é uma faculdade humana universal, uma espécie de luta desarmada, de desmistificação da realidade, de flagrar realidades ocultas ou insuspeitadas, que se encontram camufladas. Mas também se revela como um meio de manutenção do equilíbrio social e psicológico e até mesmo “uma forma de revelar verdades e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de demonstrar falsos equilíbrios” (TRAVAGLIA, 1989, p. 01).

Esclarecidas nossa posição sobre o humor, passemos a compreensão da piada enquanto um gênero discursivo desse campo.

## **2. A piada enquanto gênero do discurso**

Baseado nos estudos feitos por Muniz (2004), Possenti (2000,1993, 1998, 2010), Raskin (1987) dentre outros, busca-se entender nesse tópico como a piada é constituída e seu funcionamento enquanto gênero humorístico.

Diferente de outros gêneros humorístico, a piada tem características bem peculiares quanto a sua composição.

Para Raskin (1987) as condições abaixo devem ser preenchidas para que um texto possa ser entendido como uma piada:

1. Uma mudança do modo *bona-fide* de comunicação para o modo não *bona-fide* de contar piadas (\*entende-se “*bona-fide*” como “confiável”);
2. O texto ser intencionalmente uma piada;
3. Haver dois frames<sup>1</sup> parcialmente sobrepostos e compatíveis com o texto;

---

<sup>1</sup>Frames são matrizes cognitivas, ou seja, “a maneira como o leitor, ao interpretar um texto, aciona seu conhecimento

4. Haver uma relação de oposição entre os dois scripts/frames;
5. Haver um gatilho (ou disjuntor), óbvio ou implícito, desviando um ‘script’/frame para o outro” (RASKIN, 1987. p. 17, apud ROMÃO, 2001. p. 46)

Entendemos que as condições propostas por Raskin não são suficientes para diferenciar a piada de outros gêneros humorísticos, pois geralmente ela é confundida com adivinhas, pegadas etc., que frequentemente funcionam sobre o jogo entre os scripts e são comunicações não *bona-fide*. Então buscamos outras fontes que nos norteasse em termos de caracterização desse gênero.

Baseados na estrutura composicional, conteúdo temático, estilo e finalidade elencados por Bakhtin (2011) como os elementos caracterizadores do gênero do discurso e nos apoiando na descrição da piada feita por Muniz (2004) tentamos ampliar e definir melhor esse gênero.

Os estudos até aqui desenvolvidos leva-nos a uma observação mais atenta para o elemento narrativo como um marco essencial na estrutura composicional e caracterização desse gênero, e para um comportamento diferenciado da estrutura composicional da piada com relação a outros gêneros discursivos que têm a narrativa como estrutura básica.

A questão da estrutura, por mais surpreendente que seja, está sendo um dos critérios mais importante para fazermos essa diferenciação. [...] esse fator está sendo de extrema importância para que possamos estabelecer um “divisor de águas” entre a piada e outros gêneros (MUNIZ, 2004, p. 99-100. Grifos da autora).

Percebe-se nas palavras da autora o quanto a estrutura é importante para definir a piada. O componente narrativo tem muitas pistas a oferecer sobre a forma de representação por meio da piada. Para Muniz (2004, p. 106) “ ‘qualquer piada’ vai apresentar sempre uma sequência narrativa, seja de que tipo for, simples ou complexa”.

A autora, baseando-se em Labov (1967), Adam (1991) e Ruch et al (1992) elenca cinco critérios básicos da narrativa na piada em relação a sua estrutura composicional:

- Contextualização
- Personagens
- Complicação
- Resolução
- Avaliação

Dentre esses cinco critérios, segundo a autora, a avaliação não é tão constante quanto os quatro anteriores. Fazendo uma análise de algumas piadas, a pesquisadora percebe que a narrativa desse gênero começa por uma contextualização onde pode ser apresentadas a personagens, logo após é construída uma complicação que tem por resultado o clímax. Segue-se um exemplo:

#### DISPUTA

Num congresso de mulheres, estava sendo disputado quem era melhor, as loiras, as ruivas ou as morenas. Uma morena subiu no palco e disse:

— Nós, morenas, fomos as primeiras a inventar o computador!

— Todas as morenas aplaudiram.

Uma ruiva subiu no palco e disse:

— Nós, ruivas, fomos as primeiras mulheres a ir para a lua.

— Todas as ruivas aplaudiram.

Uma loira subiu no palco e também disse:

---

de mundo além do contexto imediato do discurso” (ROMÃO, 2005, p. 293). Assim, os frames permitem a previsão textual, ou seja, permite o leitor antecipar o que será dito a partir do conhecimento acumulado o relacionado ao contexto imediato do discurso. Essas previsões são possíveis porque os conhecimentos estão organizados na forma de “esquemas”. A ideia de frame é muito parecida com a de significação em Bakhtin (2002, p.128-129), que corresponde ao significado potencial de uma palavra, que pode mudar de acordo com o contexto em que essa palavra é realizada.

— Nós, loiras, ainda não fizemos grande coisa, mas estamos pretendendo a ser as primeiras mulheres há ir para o sol.

— Todas as loiras aplaudiram.

Mas o resto das mulheres riram.

Então, uma morena subiu e disse:

— Se vocês forem para o sol, vocês vão morrer fritas suas antas!

Daí, uma loira subiu no palco e encostou a boca bem pertinho do microfone, mas bem pertinho mesmo e disse:

— Alô! Mas nós vamos a noite!

Baseado no esquema da autora, temos:

Contextualização: uma disputa que acontece em um congresso entre loiras, ruivas e morenas.

Personagens: mulheres loiras, ruivas e morenas.

Complicação: o feito desejado pelas loiras é impossível: serem as primeiras mulheres a irem ao sol.

Resolução: para as loiras, ir ao sol à noite não oferece risco algum.

Como se pode perceber, na piada, o clímax é o seu desfecho, é a resolução do problema (mesmo que absurda), o que corresponde ao momento de tensão do leitor/ouvinte. Essa é uma característica peculiar das piadas, diz Muniz (2004, p 107).

Além disso, vale salientar o caráter ficcional estabelecido pela narratividade da piada. Ao contrário de uma notícia, por exemplo, que a narratividade tem um caráter que se pretende realístico, na piada a narrativa é totalmente ficcional, como num conto ou num romance, ressalvada as peculiaridades de cada gênero. Sendo assim, a narrativa ficcional subjacente à piada exige do leitor/ouvinte a aceitação desse gênero como algo não sério, não real, ou melhor, não bona-fide.

Quanto ao conteúdo temático da piada, Possenti (2010, p. 81) diz que ele se constrói sobre estereótipos e lugares comuns. Na verdade, acrescenta o autor, não são as piadas que o constrói, elas apenas utilizam-se dele trabalhando-o a seu modo. Em outro artigo o autor elenca esse temático de forma mais específica:

“sexo, política, racismo (e variantes que cumprem um papel semelhante, como etnia e regionalismo), canibalismo, instituições em geral (igreja, escola, casamento, maternidade, as próprias línguas), loucura, morte, desgraças, sofrimento, defeitos físicos (para o humor, são defeitos inclusive a velhice, a calvície, a obesidade, órgãos genitais pequenos ou grandes, etc.)” (POSSENTI, 1998, p.25-26).

Podemos perceber que o conteúdo temático é muito variado e não se esgota nos expostos pelo autor, portanto não é tão fácil definir este gênero por esse elemento, mas vale salientar que são explorados de forma estereotipada, valendo-se sempre do senso comum como suporte para gerar humor.

No que se refere ao estilo, ele é muito variado nesse gênero, pois está atrelado aos propósitos e temas. Uma piada que verse sobre o caipira mineiro provavelmente terá um estilo diferente de uma piada que verse sobre política. Além disso, mesmo o trabalho de Muniz (2004), que teve como objetivo principal caracterizar a piada enquanto gênero, não conseguiu definir o estilo da piada, talvez por perceber a variedade, ou melhor, a mobilidade estilística desse gênero ou porque não fornecesse dados suficientes para caracterizá-lo como tal.

Com relação à função ou finalidade desse gênero, podemos dizer que ele tem uma função lúdica. Mas se formos levar em consideração à temática, ou melhor, a forma como a piada trata suas temáticas, veremos que esse gênero vai muito além do lúdico: ele é uma forma de contestar lugares comuns, de fazer aparecer problemas sociais, de criticar e agredir o estabelecido em uma sociedade:

apesar de toda a dificuldade que é discutir, apontar a (s) função (ões) que as piadas

exercem, é possível falarmos em duas funções: uma função primeira, que seria justamente essa lúdica, já que é intrínseco à piada o caráter humorístico que ela possui e, como esse mesmo humor que produz o lúdico, também pode servir para ferir, criticar, disseminar práticas discriminatórias e excludentes, dependendo do tema que será abordado na piada, resolvemos denominá-las de funções secundárias (MUNIZ, 2004, p. 124).

É por esse motivo que Possenti (2001, p. 72) afirma que se quisermos descobrir os problemas com os quais uma sociedade se debate, uma coleção de piadas oferece pistas excelentes: “sexualidade, etnia/ raça e outras diferenças, instituições (igreja, escola, casamento, política), morte, tudo isso está sempre presente nas piadas que **circulam anonimamente** e que são ouvidas e contadas por todo mundo em todo o mundo” (idem), o que nos faz concluir, com Muniz, que essa seria a função segunda da piada: revelar os problemas com os quais se debatem uma sociedade. É essa função que realmente nos interessa.

Vale lembrar que não é por acaso que a narrativa é o princípio básico de uma piada, pois é no jogo narrativo que vai se construindo as representações de uma forma bem peculiar na piada. Uma pergunta salutar seria: quem diz o quê em uma piada? O narrador? As personagens? Dito de outra forma: quem é responsável pelo que é dito em uma piada?: Quem conta a piada? A figura do narrador ou as personagens? Ora, segundo Possenti (2001), a piada não tem um autor, pois circula anonimamente, a quem atribuir a responsabilidade pelo conteúdo de uma piada?

Estes questionamentos nos levaram a recorrer as concepções de dialogismo e polifonia de Bakhtin (2011, 2013, 2010), assim como a forma como este autor trata as personagens dentro do que ele denomina de romance polifônico, para podermos operacionalizar a nossa análise.

### **3. Dialogismo e polifonia: o ponto de vista das personagens**

A concepção dialógica da linguagem é o cerne do estudo de Bakhtin. Para esse autor, todo discurso nasce de um diálogo intenso com os outros discursos que surgiram e que estão por surgir após ele. Por esse motivo dirá ele

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se de uma orientação natural de todo discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa (BAKHTIN, 2010, p. 88)

Diálogo não significa, nesse caso, uma conversa face a face nem uma alternância de vozes entre os personagens em um conto, um romance ou mesmo uma piada; trata-se antes de uma relações sociais de valor existente entre discursos. Nesse sentido, tanto a conversa face a face quanto a alternância de vozes das personagens em uma narrativa fazem parte de um plano dialógico maior, de um simpósio universal de vozes impregnadas de valores.

Todo enunciado, portanto, todo gênero do discurso já surge como um elo no complexo de relações dialógicas:

o enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica [...] (p.86)

Ao tratar do gênero romance em Dostoiévski, Bakhtin (2013) dirá que nesse autor distingue-se dos romances em outros autores pelo fato de nele perceber-se essa natureza dialógica, enquanto nos romances que o antecederam havia uma tendência ao monologismo, ou seja, a tentativa dos autores de abafar o jogo dialógico, deixando prevalecer apenas o ponto de vista do autor, denominado pelo estudioso russo de romance monofônico. Em oposição a esse tipo de

romance, Bakhtin (2013) chamará o de Dostoiévski de polifônico, pois as vozes presentes no trabalho desse romancista eram todas plenivalentes de significação.

Assim, as personagens não eram inseridas no romance para justificar o ponto de vista do autor, mas para revelar um “*ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma*, como posição racional e valorativa do homem em relação a si mesmo e à realidade circundante” (BAKHTIN, 2013, p. 52. Grifos do autor). A posição da personagem no romance dostoiévskiano não é coincidente com a do autor, ela é um ponto de vista sobre o mundo que só pode ser colocada ao lado de outra posição, outro ponto de vista (idem, p. 56-57), dialogando com ele num jogo de vozes que o autor chamará de polifônico.

Em outro texto, Bakhtin (2010, p.135) dirá que “O sujeito que fala no romance é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso uma linguagem social”. É assim que entendemos as personagens na piada. Ela não tem um autor, mas têm vozes plenivalentes de significações. Acreditamos que nesse gênero (a piada), assim como no romance dostoiévskiano, tem-se uma relação polifônica intensa entre vozes sociais materializadas nas personagens, que só podem ser contrapostas a outras vozes dentro do universo humorístico. O que está subjacente a cada voz das personagens e até do narrador na piada é um intrincado diálogo entre pontos de vista sobre o mundo.

Segundo Muniz (2005, p. 112-113, apud Ricoeur, 1994), a maneira que temos para introduzir a ideia de ponto de vista e de voz narrativa à composição da narrativa é exatamente atrelando-os às figuras do narrador e da personagem. Assim, o ponto de vista que prevalece no embate dialógico na piada é aquele em que há uma convergência entre a voz de uma personagem e a do narrador.

Aqui, cabe mais algumas questões essenciais para nossa análise: sendo a piada um gênero discursivo do campo humorístico e sabendo que o humor é uma luta de contestação desarmada ou de estabelecer uma relação entre a realidade e suas bases (TRAVAGLIA, 1989), seriam estas vozes **uma representação** do que se diz e se pensa em uma determinada sociedade, mas que só podem ser ditos em gêneros livres de repressões sociais, como a piada?

Acreditamos na ideia de que as representações que se constroem na piada são sempre estereotipadas, ou seja, o que se faz nas piadas, em termos de representação, é representar os indivíduos por meio de estereótipos.

Adota-se nesse caso a proposta de Possenti (2010, p. 40), para quem o estereótipo funciona na piada como uma forma peculiar de manifestação, um simulacro, “um efeito necessário da relação interdiscursiva, em especial no caso dessa relação ser polêmica”.

Como a representação é sempre uma forma de ver o outro, ou seja, um modo de identificar o outro, portanto uma identidade criada de um grupo para com o outro, adota-se também a suposição do autor de que a identidade é social, imaginária e representada. Sendo assim, assumi-se neste trabalho que a identidade é uma representação social imaginária, mas que tem amparo no real (POSSENTI, 2010, p.40).

Sendo uma identidade que parte de estereótipos e entendendo este como um simulacro social, aceitamos também a hipótese de que essa identidade “é uma espécie de identidade pelo avesso – digamos, uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de outro lugar, eventualmente, pelo seu Outro” (*loc. cit*).

Antes de passarmos as análises achamos pertinente mostrar um pouco de como um grupo via o outro ao longo da história.

#### **4. Aspectos históricos do gênero masculino e feminino: por enquanto, como um via o outro**

Não pretendemos aqui fazer uma avaliação sobre a história do homem e da mulher na história da humanidade, muito longe disso: gostaríamos apenas de apresentar, sem muitos comentários – esses deixamos por conta do leitor –, fragmentos de citações coletados por Jorge Forbes, grande psicanalista brasileiro, e publicados no livro “Problemas ao feminino”, em 1996.

Tais fragmentos são de grandes pensadores ao longo da história da humanidade, ou seja,

não foram quaisquer pessoas que o disseram, mas apenas a grande nata do pensamento ao longo a história da humanidade. Se bem que aqui cabe uma ressalva: pensadores homens, exclui-se, nesse caso, as mulheres, alvo das citações.

E assim começa o autor:

Começou como sempre, no começo. No Gênesis, quando Deus diz à mulher que levará o homem a comer o que não devia: "Multiplicarei teus trabalhos e misérias em tua gravidez; com dor parirás os filhos e estarás sob a lei de teu marido, e ele te dominará." De lá até aqui, numa longa e inacabada história, a lista de impropriedades sobre a mulher só fez crescer.

"Uma mulher estéril deve ser substituída no oitavo ano; aquela que perdeu todos os filhos, no décimo; a que só dá luz a filhas, no décimo primeiro; aquela que é azeda, imediatamente" (Código de Manu, século XIII a.C.).

"A mulher é má. Cada vez que tiver ocasião, toda mulher pecará" (Buda, 600a.c.).

"As mulheres, os escravos e os estrangeiros não são cidadãos" (Péricles, 450a.c.).

Eurípedes, o dramaturgo, na mesma época: "Os melhores adornos de uma mulher são o silêncio e a modéstia."

Um pouco depois, o pai da razão, Aristóteles, saía-se com esta: "A mulher é por natureza inferior ao homem; deve, pois, obedecer. O escravo não tem vontade; a criança tem, mas incompleta; a mulher tem, mas impotente."

"A mulher deve aprender em silêncio, com plena submissão. Não consinto que a mulher ensine nem domine o marido, apenas que se mantenha em silêncio" (São Paulo, século I).

"Os homens são superiores às mulheres, porque Deus lhes outorgou a preeminência sobre elas. Os maridos que sofram desobediência de suas esposas, podem castigá-las: deixá-las sozinhas em seus leitos e até mesmo golpeá-las" (Maomé, séculoVII).

"Para a boa ordem da família humana, uns devem ser governados por outros mais sábios do que eles; em decorrência, a mulher, mais débil em vigor da alma e força corporal, está sujeita por natureza ao homem, em quem a razão predomina. O pai há de ser mais amado do que a mãe e merecerá maior respeito, porque a sua concepção é ativa, e a mãe simplesmente passiva e material" (Santo Tomás de Aquino, século XIII).

"Você não sabe que sou mulher? Quando penso, tenho de falar" (Shakespeare, século XVII).

Epitáfio que o poeta inglês John Donne (século XVII) inscreveu na tumba de sua esposa: "Enquanto você repousa, eu descanso."

"Ainda que o homem e a mulher sejam duas metades, não são nem podem ser iguais. Há uma metade principal e outra metade subalterna: a primeira manda e a segunda obedece" (Moliere, século XVII).

"Uma mulher amavelmente estúpida é uma benção do céu" (Voltaire, século XVIII).

"A mulher pode, naturalmente, receber educação, porém, sua mente não é adequada às ciências mais elevadas, à filosofia e a algumas artes" (Hegel, século XIX).

"Todas as mulheres acabam sendo como suas mães: essa é a tragédia" (Oscar Wilde; século XIX).

"[...] de quem, de fato, aprendemos a volúpia, o afeminamento, a frivolidade total, e outros muitos vícios, senão da mulher? Quem é o responsável por perdermos tantos sentimentos inerentes a nossa natureza, como o valor, a



fortaleza, a prudência, a equidade e tantos outros, senão a mulher?" (Tolstoi, século XIX).

"A mulher parece resolvida a manter a espécie dentro de limites medíocres, a procurar que o homem não chegue nunca a ser semideus" (Ortega y Gasset, século XX).

Finalmente, Elias Canetti, búlgaro, Prêmio Nobel de Literatura de 1981: "Sua confusão era tal que começou a piorar mentalmente, como uma mulher." (FORBES, 1996, p. 1-2).

Chega a ser estúpida a lista de impropriedades sobre a mulher ao longo da história, mas como dissemos acima, deixamos os comentários para os leitores. O que nos interessa, agora, é ver como ambos os sexos aparecem representados no gênero piada e como essa representação pode nos servir de interpretação para as relações que hoje se estabelece entre esses dois grupos sociais. Percebemos nas citações acima uma visão privilegiada em mão única, a do homem. Esperamos que nas piadas aqui analisadas apareçam também os pontos de vista opostos.

## 5. Análises

Designaremos as piadas pela letra "P" associada à ordem que aparecem nas análises (1, 2), dessa forma quando tivermos que mencionar uma piada já analisada não precisaremos retomá-la pelo título, mas apenas por sua designação P1 ou P2. Salientamos ainda que o *corpus* desse estudo foi formado por vinte piadas, mas aqui serão analisadas duas, que representam com fidelidade os resultados encontrados na análise de todo o *corpus*.

Vale salientar ainda que designaremos a figura do narrado pela letra (N) e as personagens masculinas pelas letras (PM) e femininas por (PF). Dessa forma, levaremos em consideração o *privilegio de perspectiva ou de ponto de vista*, ou seja, a voz que é privilegiada na piada, que ora pode ser a do narrador, ora das personagens, observando sempre a convergência entre uma das vozes da personagens com a do narrador. Começamos pela piada a seguir, que já nos dá indícios de que muito do que se pensou ao longo da história ainda se perpetua nos dias de hoje:

P (1)

Disponível em: <<http://www.osvigaristas.com.br/piadas/velhos/duas-mulheres-5683.html>>. Acesso em: 30/06/2012.

### DUAS MULHERES

Duas mulheres muito gostosas, verdadeiros aviões, resolveram sacanear um velhinho com mais de 80 anos.

Aproximaram-se dele e uma delas pergunta:

— Oi, velhinho simpático, tudo bem? O que você faria com duas mulheres tão gostosas quanto nós duas?

E o velhinho:

— Com vocês duas, nada. Mas com quatro ou cinco, abriria um puteiro.

A primeira coisa a observarmos é que na primeira parte da piada o privilégio de perspectiva é do N, enquanto na segunda, dos Ps. Nesse caso, o narrador é quem contextualiza a piada, além de fazer a avaliação das personagens: "gostosas", "verdadeiros aviões". Portanto, é ele quem se responsabiliza pelas avaliações feitas. É bom atentarmos para os adjetivos avaliativos usados pelo N, esses adjetivos só ressaltam características físicas das personagens e de forma enfática. Tais características não se referem à beleza das mulheres, mas a valores sexuais, apresentando as mulheres como objeto de desejo sexual, como se esses fossem os atributos relevantes de uma mulher.

Mas o N vai além, ele usa o verbo "sacanear", que relacionam às mulheres a ideia de um ser sacana, que segundo o dicionário Houaiss, pode ser interpretado como alguém que é libertino, devasso. Ou seja, de antemão o N, já na contextualização, avalia as mulheres negativamente.

Em seguida ele distribui as vozes às personagens, o que faz mudar a perspectiva da

narrativa. O interessante na mudança de perspectiva é que a avaliação que as personagens fazem uma das outras é diferente. Temos aqui dois personagens, as mulheres (PF) e o velho (PM).

A avaliação que as mulheres fazem do velho é explícita e muito positiva: “velho simpático”. Mas a impressão que se tem no início da piada é que o velho é “bobinho”, já que as mulheres pretendem sacaná-lo, e nesse caso, elas seriam mais espertas do que ele. Além disso, por ser muito velho ele seria impotente sexualmente e as mulheres estariam em vantagem, afinal, elas são “gostosas”, “um avião”, o que corresponde a sexualmente bem qualificadas.

Já a avaliação do velho é implícita e totalmente negativa com relação às mulheres: “Com vocês duas, nada. Mas com quatro ou cinco, abriria um puteiro”. A expressão “puteiro” confirma a ideia de que as mulheres são vistas apenas como objeto sexual, que seu valor (se é que isso seja um valor) está apenas no fato de suprir o desejo sexual do homem. Pode-se observar também que há a elipse da palavra “mulheres” após a expressão “com quatro ou cinco”, o que indica que a referência feita nessa parte da piada não é apenas com relação às mulheres nela presentes, mas a qualquer outra mulher.

Outra coisa que fica implícita é a capacidade intelectual do homem e da mulher: mesmo um velho, com mais de 80 anos é mais esperto que duas mulheres novas. Implicitamente essa piada acaba desvalorizando a capacidade intelectual feminina.

Dessa forma, podemos perceber que a perspectiva de PM coincide com a do N, na qual a mulher é representada com objeto de desejo sexual e intelectualmente impotente. A única referência ao homem é feita pelo PF e é positiva. Se levamos em consideração que é o N quem organiza todo texto, entenderemos que ele concorda com a avaliação feita pelas PF (as mulheres), mas deixa essa responsabilidade para esta, fazendo com que pareça que mesmo uma avaliação feita pelas mulheres com relação ao homem será sempre positiva.

É possível já nesta primeira análise supormos que a voz do narrador ou N nesta piada são vozes presentes na sociedade, mas não a voz de toda a sociedade e sim de um grupo específico desta, nesse caso, dos homens. Veremos na piada que se segue que esta é apenas uma no elo na cadeia da comunicação, como afirma Bakhtin (2010), e que outras piadas estão em um contraste dialógico forte com ela. Essa voz ou esses discursos não ficariam imune ao princípio dialógico da linguagem, pois, segundo Bakhtin (2011, p. 272), “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte”.

P (2)

Disponível em: <<http://www.osvigaristas.com.br/piadas/mulher/mulher-antipatica-9642.html>>.

Acesso em: 30/06/2012.

#### FUTEBOL X FILME PORNÔ

Um homem assistia futebol pela TV, mas mudava de canal a toda hora: do canal de esporte para um filme pornô que mostrava um casal em plena ação e vice-versa.

- Não sei se assisto ao filme, ou se vejo o jogo – disse para a mulher.
- Pelo amor de Deus, assista ao filme! Ela respondeu.
- Por quê? Ele quis saber.
- Futebol você já sabe jogar!

Novamente uma piada dividida entre a perspectiva do N e a perspectiva das Ps. No entanto, explicitamente, o narrador não faz nenhuma avaliação sobre as personagens, mas apenas um comentário sobre a atividade do homem (PM), que assistia futebol e um filme pornô ao mesmo tempo e mudava de um canal para o outro a toda hora. Esse comentário retoma estereótipos muito difundidos sobre o homem: o homem só pensa em futebol e sexo.

Os comentários feitos pelo N nos remete a ideia de que o homem não apenas pensa em sexo, como também vai muito bem sexualmente. No entanto, ao distribuir as vozes às personagens,

percebemos que no discurso da PM não há nenhuma expressão avaliativa, ou seja, o N não oferece nenhum poder argumentativo a voz desse personagem, no máximo, ele apresenta o personagem, por meio de seu próprio discurso, como um sujeito de pouca inteligência, pois se mostra incapaz de fazer uma escolha entre duas opções de entretenimento.

Por fim, no discurso da PF, na resposta à pergunta do homem entre assistir futebol ou um filme pornô, é feita uma avaliação implícita, na qual admite-se que o homem não sabe fazer sexo. A essa conclusão chega-se facilmente quando a mulher responde ao homem dizendo “futebol você já sabe jogar!”. Mas há um teor intensificador no discurso da mulher que subtende que o sexo feito pelo homem é muito ruim, que é a expressão “Pelo amor de Deus, assista ao filme”, essa expressão passa a ideia de que a mulher já estava aflita, intensificando o teor da resposta final dela.

Portanto, podemos admitir que o discurso dessa piada é “feminista” e representa o homem como um sujeito que só pensa em sexo, mas que, ao mesmo tempo, é impotente sexualmente, além de ser pouco inteligente. Percebendo que o N valoriza a perspectiva do discurso da PF, posto que no enunciado proferido por essa personagem há conteúdos avaliativos com relação à PM, mas o oposto não ocorre, podemos concluir que há correspondência entre os discursos do N e o da PF.

Como pode-se perceber, as análises nos revelam que, na piada, tanto os discursos que correspondem a perspectiva masculina quanto os que correspondem às perspectivas femininas focam-se no âmbito da sexualidade e da intelectualidade. No entanto, no discurso masculino as mulheres são sexualmente valorizadas e intelectualmente desvalorizadas; enquanto no discurso feminino, o homem é desvalorizado em ambos os aspectos.

## Considerações Finais

Como um gênero discursivo pertencente ao campo do humor, a piada mostra-se como um objeto de análise muito relevante para discutir representações sociais, pois essas – as representações – são construídas discursivamente e, como mostra a análise desse trabalho, muitas vezes elas só aparecem em gêneros discursivos que a repressão social não consegue atingi-los.

Após as análises aqui feitas, acreditamos ser possível considerar que 1) o homem e a mulher são representados de forma estereotipada nas piadas, até porque 2) estes estereótipos são criações de identidade que constituem simulacros não aceitos pelo grupo que é representado. Identifica-se, por meio do olhar feminino na piada, o homem como impotente sexualmente perante a mulher, mas também como inferior a ela intelectualmente. No entanto, o homem parece não aceitar tais representações, pois o que aparece no discurso masculino é exatamente o oposto com relação à inteligência feminina.

Sendo assim, acreditamos ser possível também considerar que 3) as identidades são ideologicamente construídas pelo Outro, pelo grupo oposto. Mas no caso das piadas a representação é quase sempre negativa. Nas piadas aqui analisadas, do ponto de vista masculino, embora a mulher seja representada como um objeto de desejo sexual masculino, essa representação é feita de forma negativa, pois a mulher não se apresenta como um indivíduo dono de seu corpo, pelo contrário, o corpo feminino é tido como objeto do homem, que quando avalia esse corpo positivamente – “gostosa, “um avião” – usa-o como produto sexual.

Por esse motivo, entendemos que 4) tais identidades ideologicamente construídas de forma estereotipadas representam tensões construídas ao longo da história entre os dois sexos. **Tais tensões refletem a necessidade histórica de afirmação de cada grupo.** O homem negou a mulher por muito tempo se afirmando e reprimindo o sexo oposto, possivelmente tendo como alvo principal a (in)capacidade intelectual e, por esse motivo, em uma época de grande afirmação feminina, essa tensão encontra-se ainda maior. Portanto, consideramos confirmadas as hipóteses aqui testadas.

Provavelmente existem muitas outras formas de representações masculinas e femininas no gênero piada que podem mostrar ainda mais implicações entre esses dois sexos, mas apenas uma pesquisa mais aprofundada poderia cumprir esse papel. Gostaríamos de reafirmar que não

pretendíamos com esse trabalho esgotar esse objeto de estudo, mas apenas visualizar uma das várias possibilidades de leitura que uma análise de discurso possibilita. No entanto, não deixa de ser pertinente a leitura que fizemos aqui, que vem contribuir com outras já feitas no campo e com as que venham ainda a ser feitas, adensando ainda mais para a discussão entorno desse tema sempre atual.

Terminamos, pois, esse trabalho retomando as palavras cunhadas por Bakhtin (2011), com uma pequena alteração nossa: cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do outro.

## Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M.M. Problemas da poética de Dostoievski. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O discurso no romance**. In: Questões de estética e de literatura. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.
- FORBES, Jorge. **A mulher e o analista, fora da civilização**. In: Problemas ao feminino. Campinas: Ed. Papirus, 1996.
- FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edição Loyola, 2004.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, M. S. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- MUNIZ, Kassandra da Silva. **Piadas: conceituação, constituição e práticas: um estudo de um gênero**. Campinas, SP: [s.n.], 2004.
- POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O humor e a língua**. In: *Ciência Hoje*, v. 30, nº 176. Outubro de 2001, p. 72-74.
- \_\_\_\_\_. **Fazendo as palavras render: o inconsciente é infantil**. Revista de Estudos Linguísticos. Belo Horizonte, ano 2, v.2, p. 99-103, jan./jun. 1993.
- \_\_\_\_\_. **Os humores da língua: análise linguística de piadas**. Campinas. Editora Mercado de letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Os humores da língua**. Campinas. Editora Mercado de letras, 1998.
- PROPP, Vladímir. **Comichade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.
- RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor**. Holland: D. Reidel Publishing Company, 1985.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Papirus, 1994.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Recursos linguísticos discursivos do humor: humor e classe social na televisão brasileira**. In: XXXVI Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 1989, São Paulo. Estudos Linguísticos – XVIII anais de seminários do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. Lorena: Prefeitura Municipal de Lorena/ GEL – SP, 1989. v. XVIII. p. 670-677.
- \_\_\_\_\_. **Uma introdução ao estudo do humor pela linguística**. Delta, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990.